

ALIEN / 1979

(O 8º Passageiro)

um filme de Ridley Scott

Realização: Ridley Scott / **Argumento:** Dan O'Bannon / **Fotografia:** Derek Vanlint / **Design:** H.R. Giger e Roger Dicken / **Montagem:** Terry Rollings / **Supervisão dos Efeitos Especiais:** Brian Johnson e Nick Allder / **Música:** Jerry Goldsmith / **Intérpretes:** Sigourney Weaver (Ripley), Tom Skerritt (Dallas), Veronica Cartwright (Lambert), Harry Dean Stanton (Brett), John Hurt (Kane), Ian Holm (Ash), Yaphet Kotto (Parker).

Produção: 20th Century Fox / **Produtores:** Gordon Carroll, David Giler e Walter Hill / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm Panavision, colorida, versão original legendada em português, 117 minutos / **Estreia Mundial:** 16 de Maio de 1979 / **Estreia em Portugal:** Coliseu do Porto, a 26 de Outubro de 1979.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Em 1979, ano da sua produção, **Alien** tinha a vantagem da surpresa: dava à luz um monstro impressionante fosse qual fosse a perspectiva pela qual o tentássemos ver.

A **Alien** acontece o que sucedeu já a muitas e excelentes trapezistas, o seu melhor dom foi também a sua perdição. Ridley Scott, seu realizador, é senhor de uma obsessiva tendência para privilegiar o estático, limitando-se por vezes à concepção de *tableaux*. Agora, descobrindo que levava como passageiro um brinquedo suplementar, entregou-se com indesmentida paixão ao gozo de o manipular, negligenciando a *mise-en-scène* que se limita a debitar a mais simplista estrutura do *horror movie*. (Isto escrevi eu há 40 anos e hoje, em 2022, alteraria radicalmente o meu ângulo de abordagem, privilegiando a expressão "indesmentida paixão de manipular". É isso que anima e muito bem Ridley Scott, conferindo uma torrencial força narrativa a **Alien**. É a primeira correcção. Palpita-me que ainda há mais.)

Talvez a intenção fosse outra. Queria prosseguir-se uma tradição que vinha dos anos 50 (testemunhada por filmes como o **The Thing**, **It Came From Outer Space** e **Invasion of the Body Snatchers**), e na qual uma criatura vinda do Espaço denota clara superioridade sobre os padrões de vida terrestre, dotada mesmo da capacidade de absorver e imitar as criaturas terrenas. Também típica dessa tradição é a ideia da radical ausência de sentimentos dessa "Coisa": *no pain, no pleasure, no fear...* Tudo isso está presente em **Alien**, de forma primária, o que é uma decepção, mas com a novidade de grandes faustos visuais. (Corrijo, a expressão "de forma primária" com tudo o que tem de depreciativo. É primária, sim, essa presença, mas por ser de grau zero, como uma fractura exposta a todas as emoções e dores.)

O incontornável vínculo de **Alien** às correntes do cinema de "fc" dos anos 80 reside, nem mais, na concepção visual dos cenários e do *alien*. **Blade Runner** e **Alien** estabelecem laços com o bem ou mal chamado "pictorialismo", em que tem pares tão diversos como **Tron** e **Diva**. No filme de hoje firma-se a ideia de que aquela filiação já Scott a preparava em **Alien** convidando, por exemplo, o pintor surrealista H.R. Giger a conceber os gigantescos cenários, com os resultados que se podem ver: entre um modernismo antisséptico e um "barroco" a que não falta tão pouco o habitual *well-scrubbed futurist chic*. (E hoje, acrescentaria que não há mal nenhum nisso, um belo processo de trabalho.)

Com **Star Wars** de Lucas, espécie de diferencial de todo o cinema de "fc" dessa época, **Alien** tem apenas dois vínculos possíveis, qualquer deles ao nível da produção. Por um lado, são filmes produzidos pela mesma companhia, a 20th Century Fox, por outro deve realçar-se o facto da rodagem se ter efectuado em ambos os casos em estúdios britânicos, o que é sintomático tanto da estratégia da Fox, como da importância da componente inglesa na produção de Hollywood em tais anos. Note-se que o próprio elenco do filme é anglo-americano. E já que estou com a mão na massa, destaco dois actores, John Hurt, com um papel que parece premonitório do que lhe caberia em **The Elephant Man**, e Sigourney Weaver, que comporá a única personagem não unidimensional de **Alien**, com traços de heroína hawksiana, e por causa da qual se disse ser este filme o primeiro "fc" a escapar à fatal misoginia do género (a personagem de Weaver foi a única a sobreviver).

Antes de **Alien**, Scott filmara **The Duellists**, adaptação de uma história de Joseph Conrad sobre as guerras napoleónicas. O filme obteria alguma distinção crítica e, o que foi mais importante, um Prémio Especial do Júri, em Cannes. Isso e as centenas de "comerciais" feitos para a televisão foram as credenciais que levaram a Fox a convidá-lo para filmar esta história de O'Bannon – argumentista de John Carpenter em **Dark Star**, e veja-se como a tela se completa – que Walter Hill declinara, tão longe a sentia da sua especialidade, Scott também hesitou: "*Habitualmente não me interessa por horror ou ficção científica – nunca fui um entusiasta em miúdo – e tive alguns problemas em aceitar. Mas Alien era um grande script*".

Tratando-se ou não de um grande *script* (sim, é um belíssimo guião e resistiu ao tempo e, sobretudo, resiste a todos os spoilers, sendo o filme apetecível e irresistível a ver-se vezes e vezes seguidas) o projecto inicial podia ser feito com 1 milhão de dólares. Foi a Fox que fez o *budget* inchar para 9 milhões, gastos em grande parte na concepção do *alien* e dos cenários que com ele se relacionavam. A ideia básica de Giger, no que afinal se mostra bem surrealista, era a de combinar elementos mecânicos com formas eróticas, tudo conjugado num aparente (bastante aparente) bacanal futurista. Goste-se ou não, é irrecusável a tónica orgânica do conjunto.

Tanta força num lado tinha poderia acabar em fraqueza de outro lado. Mas hoje, ao vermos **Alien** o que exalta é forma como o filme se centra e foca numa só ideia, a da caça ao monstro. As sequências repetem-se, e na repetição, já dizia Freud, é que está o prazer, com o mesmo suspense, crescendo como bola de neve até à palmada do monstro no ombro da vítima que se segue.

Alien é, sem dúvida, um filme de decorador (o que não admira quando se sabe que o cineasta inglês é fundamentalmente um designer, com sete anos de College of Art, em Londres). E a sequência de abertura, levando-nos até aos sete tripulantes adormecidos, é inegavelmente bela e misteriosa. Alguém disse um dia que Ridley Scott era um cinéfilo impenitente, mas também um criador inexistente. É o mínimo que se pode dizer de quem arranca uma sequência como aquela e, com tantos trunfos hawksianos para jogar (Scott como Carpenter tinha no seu horizonte o **The Thing** de 1951), desperdiça tudo tão ingloriamente. (Volto a emendar a mão com que há umas bons 40 anos escrevi este desanço. Emendeu eu e emendam-se mais umas 30 mãos. Aliens resistiu ao tempo muito melhor do que as suas críticas. É um filme orgânico na relação de cenários, personagens e narrativa. Visto no século XXI é uma bela peça de relojoaria do século XX.)

O filme foi um enorme sucesso de bilheteira. Só no primeiro ano a Fox arrecadou 100 milhões de dólares contra os 9 que investira. Assim, com **Star Wars** (1977) e **Alien** (1979), os anos 80 receberam duas preciosas lições. O primeiro ensinava-lhes que um bom orçamento investido em efeitos especiais dava muito dinheiro. O segundo mostrava que também se podiam arranjar sólidas contas bancárias por mais velha que fosse a quinquilharia a vender, desde que previamente se investisse em grande escala em campanhas publicitárias. (E tudo isto podendo ser, de vez em quando, verdade, a verdade também é que **Alien** é mais do que isso: construiu uma mitologia, guardou uma pristina emoção, fundada não só na surpresa, mas também na perfeita mecânica.)